

CONTRA O IMOBILISMO E O PESSIMISMO: O CURRÍCULO COMO POSSIBILIDADE

Amanda Caroline Silva Pinheiro
Graduanda/Pedagogia/UFPI;
Antonia Aline Oliveira de Andrade
Graduanda/Pedagogia/UFPI;
Francisca Thais dos Santos Rocha
Graduanda/Pedagogia/UFPI;
Sara Jane Álvares Oliveira
Graduanda/Pedagogia/UFPI;
Sayonara Rodrigues da Rocha
Graduanda/Pedagogia/UFPI.

RESUMO: Tomando como base as teorias de Michael Apple, Henry Giroux, procuramos debater neste artigo, através de teorizações críticas desses autores concepções tradicionais de educação. Destacamos posturas tomadas por professores que os caracterizam como profissionais ativos no processo de construção de um currículo emancipador. Tratamos, ainda, do método elaborado por Paulo Freire em que o professor é visto como um intelectual transformador que busca criticar e refletir sobre sua prática profissional. Nessa ótica, os professores devem exercer seu papel de maneira mais crítica e reflexiva, pensando, assim, quais os objetivos devem orientar sua prática docente para que solucionem de maneira mais eficaz os problemas e as situações que não estão incluídas no currículo explícito. Dessa forma os professores adquirem competências que os tornam profissionais autônomos capazes de tomar decisões e de refletir sobre sua própria prática.

Palavras-chave: Teorias Tradicionais. Teorizações Críticas. Professor. Currículo.

1 Introdução

Tradicionalmente vê-se o professor como profissional do conhecimento, apesar de se saber que, para uma mudança significativa no ambiente escolar e na prática profissional do professor, deve haver uma atitude crítica na sociedade e no contexto escolar. Assim, esse educador tem as condições necessárias para transformar o currículo tradicional e torná-lo o caminho para a mudança, agindo contra o imobilismo social e o pessimismo na escola. É nessa perspectiva que a partir das discussões da disciplina Teoria de Currículo e Sociedade do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, se desenvolveu o presente artigo de caráter bibliográfico, com objetivo de discorrer sobre o currículo para além das posições tradicionais, enfatizando perspectivas curriculares que se sobrepõem ao imobilismo e ao pessimismo ainda presentes na educação escolar.

2 Fundamentação Teórica

As teorias críticas sobre currículo são advindas da organização social concebidas pela sociedade capitalista ocidental e suas ideologias. Os principais líderes dessa ideologia são Michael Apple e Henri Giroux.

Apple e Giroux elaboram críticas às visões tecnicistas e classistas a partir da indagação sobre “*o que é que o currículo faz com as pessoas*” antes mesmo de se interessarem em saber como se faz o currículo. Essa crítica permite que se implemente a construção de uma outra concepção de currículo vinculada as ideias de que os *currículos* são opções formativas que trazem consigo ideologias e formas para instituir o poder, pautadas na opção de formar para legitimar e perpetuar as relações de classe estabelecidas pela sociedade capitalista, sem que isso, muitas vezes, esteja explicitado (MACEDO, 2007).

A crítica curricular denuncia formas de hierarquização e homogeneização vinculadas pelo currículo e reivindica uma formação socialmente justa e uma aprendizagem com e pela diferença. Conforme assinala Macedo:

Nesta perspectiva, o currículo passaria a ser uma forma de *práxis* social orientada para o desvelamento das iniquidades sociais e a preparação para uma ação intelectualmente competente visando a transformação do *status quo* capitalista ocidental (MACEDO, 2007, p.58).

O currículo vai revelar as desigualdades sociais para que a sociedade se conscientize da dominação imposta e desta forma possa procurar formas de intervir e meios que possibilite a alteração desse quadro.

Michael Apple toma como ponto de partida os elementos centrais da crítica marxista em que a sociedade capitalista gira em torno da dominação de classe. Seguindo esse tema ele nota a dominação dos mais poderosos sobre os menos poderosos, que afeta não somente as relações trabalhistas, mas também a cultura, educação e outros. Há uma constante relação entre economia e cultura, educação. A economia influencia também o currículo, mas não de forma direta e simples, pois nessa relação esta incluída vários fatores como a ação humana que faz essa mediação.

Apple vê o currículo de uma perspectiva estrutural e relacional. O currículo então reflete as práticas sociais, normalmente dando margem ao interesse de classes e grupos dominantes. Seguindo o interesse de dominação pelos mais poderosos, aquilo que é interessante a eles, é repassado pelo currículo como verdadeiro, de forma que se mantenham no poder.

De maneira tradicional os conteúdos não são questionados e Apple enfatiza que esse questionamento é extremamente necessário e deveriam ser aprofundados, em vez de perguntar

somente como é feito, perguntar o porquê de ser assim, qual o interesse intrínseco a esses conteúdos, não aceitar de forma passiva, pois para ele esses conteúdos não foram escolhidos aleatoriamente, mas normalmente seguindo o intuito de manter o poder nas mãos dos mais ricos.

Existem críticas sobre o papel do currículo no processo de reprodução cultural e social, divididas em duas ênfases: o papel do chamado “Currículo Oculto”, segundo Bowles e Gintis, exercido pelas relações sociais da escola no processo de reprodução social. A outra é a crítica sobre o currículo explícito, ou seja, o oficial, os conteúdos ministrados na escola. Considerando essas duas vertentes, Apple procura realizar uma análise que dê igual importância aos dois aspectos do currículo, embora se possa notar uma maior ênfase no currículo explícito. Segundo ele é necessário examinar tudo aquilo que ocorre na escola como os conteúdos das disciplinas, o ensino implícito de normas, valores e dispositivos ideológicos.

O autor supracitado colocava uma grande ênfase em ideologia e currículo pela qual a escola é um aparelho ideológico pelo fato de seu currículo não ser questionado e sequer observado pela sociedade, ao ponto de notar que a escola apenas transmite ou reproduz conhecimentos que são produzidos através de crenças explícitas sobre o que deseja as classes dominantes. É através desse pensamento que este teórico começa a construir uma análise mais política, fazendo a relação entre Currículo e poder, ou seja, de um lado, os recursos de produção, tudo que diz respeito à vida econômica e do outro os recursos simbólicos, como a cultura, o conhecimento a educação.

A resistência a dominação não se dá de forma pacífica e sem conflitos, as pessoas precisam ser convencidas da legitimidade e dos desejos das classes dominantes, e é justamente essa resistência que caracteriza um campo social como o do currículo, como a luta em torno de valores, significados e propósitos sociais e culturais, portanto, é necessário questionar frequentemente as imposições sobre as práticas pedagógicas, pois só dessa forma é que se consegue entender o currículo para então modificá-lo.

Henri Giroux, inspirado pelos filósofos da Escola de Frankfurt, trata o currículo como política cultural e sua crítica é voltada racionalidade técnica e utilitária do currículo. Ele reivindica que as práticas curriculares devem ser compreendidas através de uma análise histórica, ética e política. Isso ocorre por conta de Giroux ser fortemente influenciado pelas ideias de Paulo Freire, principalmente no que diz respeito às noções de libertação e ação cultural.

Giroux contribuiu de forma decisiva para traçar os contornos de uma teorização crítica para a elaboração do currículo. Sua preocupação é voltada cada vez mais para a problemática da cultura popular, porém sempre em conexão com a questão pedagógica e curricular. Em sua crítica, Giroux ataca a racionalidade técnica e utilitária e o positivismo das perspectivas dominantes sobre currículo. Para ele é necessário levar em consideração o caráter histórico crítico e político das ações humanas e sociais e particularmente, no caso do currículo, do conhecimento. Caso esses aspectos não sejam levados em consideração as teorias irão contribuir para a reprodução das desigualdades e das injustiças sociais.

No momento em que Giroux começa a escrever, surgem teorizações que teriam, depois, tanta influência sobre a teoria educacional crítica: a crítica a ideologia de Althusser; a crítica cultural de Bourdieu e Passeron; o princípio da correspondência de Bowles e Gintis. Giroux não estava satisfeito com a rigidez estrutural e com as consequências pessimistas dessas teorizações, então passou a elaborar uma pequena crítica com alternativas para superar as falhas dessas teorias. Ele é igualmente crítico daquelas vertentes da crítica educacional que se inspiravam mais na fenomenologia e nos modelos interpretativos de teorização social do que nos diversos estruturalismos, por não darem suficiente ou nenhuma atenção às conexões entre, de um lado, as formas como essas construções se desenvolvem no espaço da escola e do currículo e, de outro, as relações sociais mais amplas de controle e poder.

É no conceito de resistência que Giroux vai buscar as bases para desenvolver uma teorização crítica sobre a pedagogia e o currículo. Giroux acredita que existem ações que podem ser feitas pelas escolas e pelo currículo, para trabalhar contra os desígnios do poder e do controle. Segundo este o teórico, é através de um processo pedagógico que conscientiza as pessoas de seu papel de controle e poder exercido pelas estruturas sociais, e que elas podem se tornar emancipadas ou libertadas de seu poder e controle.

Giroux atrela a pedagogia e o currículo ao campo da cultura politizada e a partir disso surge a ideia dos “professores como intelectuais transformadores” e de uma “pedagogia de possibilidades emancipatórias”. Para ele escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas. E os professores devem ser pessoas ativas e envolvidas nas atividades da crítica, a serviço do processo de emancipação.

Paulo Freire desenvolveu uma obra que tem aspectos importantes para a teorização sobre currículo. A pedagogia do oprimido escrita em 1970 faz críticas à escola tradicional e apresenta uma elaborada teoria de como a educação e a pedagogia existentes devem ser.

A crítica de Freire ao currículo existente está sintetizada no conceito de “educação bancária”. Esta educação se caracteriza por ser unilateral, ou seja, o conhecimento é depositado no aluno, sendo o professor apenas o transmissor. Nesse sentido Freire ataca o caráter verbalista, narrativo e dissertativo do currículo tradicional.

Como alternativa à concepção bancária, Paulo Freire utilizou o conceito de “educação problematizadora”. Aqui o conhecimento é construído dialogicamente e estar sempre dirigido a alguma coisa. Nessa perspectiva o currículo e a pedagogia estão continuamente direcionados ao preenchimento de alguma carência.

Paulo Freire não se limita a criticar o currículo implícito no conceito de “educação bancária”, apresenta em Pedagogia do Oprimido instruções detalhadas de como desenvolver um currículo que seja a expressão de “educação problematizadora”. Entretanto, ele está bem consciente da necessidade do desenvolvimento de um currículo que esteja de acordo com sua concepção de educação e pedagogia. Nesse aspecto, pode-se comparar o método sugerido por Paulo Freire com aqueles seguidos por modelos mais tradicionais, como os de Tyler. Este sugeria estudos sobre os aprendizes e sobre a vida ocupacional adulta, bem como a opinião dos especialistas das diferentes disciplinas como fontes para o desenvolvimento de objetivos educacionais.

Na perspectiva freiriana, a própria experiência dos educandos se torna a fonte primária de busca dos “temas significativos” ou “temas geradores” que vão construir o conteúdo programático do currículo dos programas de educação de adultos.

Ao menos em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire acredita que o “conteúdo programático da educação não é doação ou imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou em forma desestruturada”. O que ele destaca é a participação de dos educandos nas várias etapas da construção desse currículo programático. Numa operação visivelmente curricular, ele fala em escolha do “conteúdo programático”, que deve ser feita em conjunto pelo educador e pelos educandos.

3 Metodologia

As inquietações em torno dessa temática surgiram a partir de discussões formadas nas aulas da disciplina Teoria de Currículo e Sociedade do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí/UFPI, as quais foram aprofundadas em pesquisas bibliográficas.

Através de teorizações críticas dos autores como Michael Apple e Henry Giroux, procuramos debater nesse artigo sobre as concepções tradicionais de educação. Destacamos posturas que caracterizam professores como profissionais emancipadores e ativos no processo de construção de um currículo. Tratamos, ainda, do método elaborado por Paulo Freire em que o professor é visto como um intelectual transformador que busca criticar e refletir sobre sua prática profissional.

4 Resultados e discussões

Uma prática bastante tradicional é o ensino tecnicista, que visa à técnica em detrimento da reflexão. Os professores nessa prática têm o papel meramente reprodutor, em que o currículo elaborado pelos gestores e professores apenas transmite o que é ditado pela escola, não havendo, por parte do professor, a participação ativa na prática escolar. Ainda nesse contexto os alunos recebem o conhecimento de forma pronta, além de ser exigido que este seja reproduzido da mesma forma que lhes é ensinado, sem espaço para um debate mais aprofundado.

Morgado (2005) afirma, nesse sentido, que:

O currículo define-se como um produto, uma série preconcebida de experiências de aprendizagem a realizar pelos estudantes organizadas pela escola em função de um determinado programa. [...] A definição prévia de objetivos e a sua redução a resultados previstos não resolvem os problemas de índole moral e os imprevistos com que os docentes normalmente se deparam, exigindo que interpretem o significado específico de cada situação, o que não se encaixa num modelo de racionalidade tecnológica”

Dessa forma, essa concepção tecnicista de educação não tem grande valor no cotidiano da vida escolar, não conseguem ser solucionados, por exemplo, problemas pessoais e familiares, referentes ao currículo oculto, que têm grande influência nos resultados escolares. Além disso, percebe-se outra falha quando se refere á aprendizagem adequada, pois na maioria das vezes os alunos tendem apenas a reproduzir o conteúdo, tal como lhe foi dito, sem o aprender de forma significativa.

Diante disso, torna-se inviável a existência de um conhecimento predeterminado para aplicar indiscriminadamente a todas as situações de ensino, além disso, os professores devem

assumir um papel participativo no desenvolvimento do currículo, sendo assim, um professor investigador da sua própria prática.

Ademais existem críticas sobre o papel do professor como profissional reflexivo, considerando oportuno citar duas delas: a primeira refere-se a uma difusão do termo “reflexão”, mas em uma concepção vazia e sem conteúdo, enquanto a segunda, aos estudiosos que não conseguiram idealizar esse modelo como mudança institucional e/ou social, centrando apenas em práticas individuais. Contudo, se faz necessário pensar em práticas reflexivas nas escolas, de forma que possibilite uma transformação significativa tanto no papel do professor, quanto da escola como um todo, ou seja, não só ensinar, mas educar também.

Atualmente a maioria dos discursos sobre as novas formas de se tratar o currículo e de (re)construí-lo, traz à tona questões sobre o próprio professor, agente que executa e adequa as diretrizes que são determinadas a cada série, desempenhando assim um papel fundamental no tratamento dado às questões do ensino. Como afirma Morgado (2005, p. 55),

Trata-se de uma tarefa complexa e difícil, sobretudo quando analisada à luz do quadro social em que vivemos atualmente, motivo que nos compeliu a fazer uma breve reflexão sobre o que aqui designamos *professor da contemporaneidade*.

É nesta perspectiva que o docente, antes do fazer emancipar, tem de tornar-se independente, resgatando sua prática reflexiva já que a sala de aula não é um ambiente fixo e que respeita todas as regras e expectativas nela depositadas, é construída no dia-a-dia, um laboratório em tempo real que exige uma atitude inovadora e ousada do seu regente. Neste âmbito, ele passa a descobrir que o conhecimento teórico por si só não basta e que é a vivência em sala de aula que o constrói, aquele saber que surge espontaneamente na medida em que ele se depara com situações novas e não programadas, sendo estimulado a desenvolver competências a partir do momento em que percebe que aquilo não estava no “manual”.

No que concerne à educação, considera-se importante que os professores possam dispor de competências que no modelo anterior ficavam subordinadas ao conhecimento científico e técnico ou eram pura e simplesmente excluídas de seu campo de ação (MORGADO, 2005, p. 43).

Autores como Schon, Stenhouse e Grund apropriaram-se desta discussão e colocaram em destaque o “professor reflexivo”, que parte das interações com os alunos e da dinâmica que é a vida escolar, que participa e investiga seu fazer em sala de aula. Isto torna o currículo

mais que um documento a ser seguido, um processo que se desenrola por meio do diálogo e do acordo. Desta vez, o que se leva em consideração no currículo não é mais tão somente o que se é discutido nas universidades, passando para um modelo sócio crítico de construção do mesmo em que os profissionais da educação têm o poder emancipador porque pensam além da sala de aula.

Nesse sentido, o currículo é construído e visto como um resultado oriundo das considerações resultantes do estudo da realidade do dia a dia, revelando os moldes e as entrelinhas, despertando a criticidade e ultrapassando os tão já conhecidos e ultrapassados discursos teóricos, trazendo o debate e a ousadia da prática, da própria intervenção do fazer pedagógico, da tentativa de fazer mudar os arcabouços existentes, bem como trazer a mudança discutida nos corredores e conversas informais para o próprio planejamento, para dentro do currículo e suas variáveis.

5 Considerações Finais

No contexto entrevisto na presente discussão, consideramos que, para conseguir mudar as práticas docentes, deve-se dar atenção aos diversos fatores intrínsecos da formação educativa. Desse modo, é imprescindível analisar e levar em consideração as influências do contexto em que essas práticas se efetivam, para assim otimizar a educação.

O professor como intelectual crítico é um profissional que está constantemente avaliando sua prática educativa. Por isso, o currículo deve proporcionar uma maior flexibilidade ao trabalho docente, desestabilizando o jogo de forças que o oprime intelectualmente. Essas forças são modelos pré-elaborados por uma gestão ou mesmo por uma sociedade, que não admite transformações, limitando o trabalho do professor a sala de aula.

Torna-se necessário que os professores exerçam seu papel de maneira mais crítica e reflexiva, pensando, assim, quais os objetivos de sua prática docente. Esta prática do professor inquieta-o para que aborde e solucione de maneira mais eficaz os problemas e as situações surpresas que não estão incluídas no currículo explícito, como por exemplo, problemas pessoais que podem distrair os alunos interferindo em seu aprendizado. Dessa forma o professor adquire competências que os torna um profissional autônomo capaz de tomar decisões e de refletir sobre sua própria prática.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Pacheco José. **Currículo**: Entre teorias e métodos. Cadernos de pesquisa, v.39, n.137, p.383-400, maio/ago. 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo**: campo, conceito e pesquisa. Petrópolis: Vozes. 2007.

MORGADO, José Carlos. **Currículo e profissionalidade docente**. Editora Porto. Portugal. 2005.

SANTINI, Daniel Rodrigues. **A Filosofia no currículo do ensino médio**: aspectos discursivos nos documentos oficiais. Disponível em:
[http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Daniel%20Santini%20Rodrigues\[17970\].pdf](http://www.usf.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Daniel%20Santini%20Rodrigues[17970].pdf). Acesso em: 25 mar 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Ed. 3. Autêntica. Belo Horizonte. 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teorias do currículo**: uma introdução crítica. coleção currículo, políticas e práticas. v 2. Porto Editora. Porto-Portugal. 1999.

SOUSA, Rosa Fatima de. **Teorias de currículo**. IESDE Brasil S.A. Curitiba. 2008.